(Transcrição)

Rocca di Papa, 6 de dezembro de 1973

O lado crucial do Evangelho[1]

Uma experiência nova

Vocês sabem que o verão passado foi um pouco especial devido aos sofrimentos que Deus quis reservar para mim de modo particular e, de consequência - pela unidade -, também para alguns que estavam comigo.

Nós costumamos dizer que devemos manter em segredo a dor e o amor, ao passo que a luz, fruto da experiência, deve ser comunicada.

Acho que o que aconteceu nos meses passados tem uma importância - diria - capital para nós. De fato, creio que Deus quis colocar em relevo um aspecto do seu Evangelho que nós ainda não tínhamos aprofundado.

Para fazer uma analogia um pouco exagerada, eu compararia as dores que a Obra experimentou até agora com aquela que Maria sentiu quando Simeão profetizou que a sua alma seria transpassada por uma espada (Lc 2, 34).

Porém, os sofrimentos deste verão assemelham-se mais àquele que Maria sentiu quando, desolada aos pés da cruz, experimentou a dor profetizada.

As provações que Deus nos mandou foram várias, uma ao lado da outra, uma em cima da outra, num rodízio acelerado e sem trégua.

Eu gostaria de lhes comunicar uma delas ligada à minha pessoa, com o único objetivo de ajudá-los, quando se encontrarem nas mesmas condições que eu.

Deixar uma Obra incompleta?

As circunstâncias dolorosas eram tais que por vezes tive receio de não poder mais continuar a servir a Obra de Maria, como até então havia procurado fazer.

Não é este o momento de explicar as causas dessa minha preocupação. O fato é que aceitar uma tal aflição era para mim duríssimo.

O motivo principal era este: estando longe de vocês, mais do que nunca eu constatava a enorme beleza, grandiosidade, potência da Obra que até então - com a graça de Deus e juntamente com vocês - eu tinha feito nascer. Ao mesmo tempo, porém, via a fragilidade das suas estruturas contempladas desde 1954, mas com pouco tempo de experiência e de funcionamento.

Eu sabia muito bem que qualquer um de nós, e eu como todos, deve sempre se considerar um servo inútil e infiel, sobretudo diante de uma Obra de Deus. Todavia, tendo nutrido no coração por anos e anos o desejo, a ânsia de realizar e de implantar a Obra tal como Deus a tinha mostrado a mim, me parecia também que Ele mesmo desejasse que eu prosseguisse no meu serviço.

Debati-me longamente nessa provação. Para mim, era viver a Desolada, isto é, perder a Obra de Deus, da qual o Senhor, de alguma forma, me tinha feito mãe. A questão não era simples. Eu queria aceitar a vontade de Deus de perder tudo, mas ela contrastava fortemente com a minha vontade.

---

1 *Este texto, com a data de 6 de dezembro de 1973, é o fruto de uma experiência espiritual vivida por Chiara Lubich naquele ano, quando, sofrendo no físico por uma dolorosa hérnia dupla de disco e no espírito por outros sofrimentos, começa a aprofundar uma dimensão nova do Evangelho. O texto conserva a forma de uma conversa familiar com alguns responsáveis do Movimento porque assim nasceu.*

Naqueles momentos, tive a impressão de que a vida ideal em mim teria que sofrer uma transformação. Eu a tinha vivido por anos como uma aventura divina (certamente não isenta de dores), na qual afirmava com vocês que quase não possuía uma vontade própria, porque a minha vontade era a de Deus. Parecia-me que meu coração estivesse em uníssono com o seu, cada vez que Ele manifestava uma sua vontade.

Agora já não era assim.

Quem podia me explicar este estranho estado de alma? Quem podia me dizer que eu era cristã e focolarina também nesta situação?

O exemplo de Jesus

Um dia Jesus me falou ao coração e me iluminou de maneira muito clara acerca das suas palavras: "Pai, a ti tudo é possível: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres" (Mc 14, 36).

Também ele, portanto, havia suplicado ao Pai onipotente que lhe retirasse a cruz da paixão? Mas Jesus não era Deus e, portanto, uma coisa só com a vontade do Pai? São Paulo não havia dito a propósito do sacrifício de Jesus: "Eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade" (Hb 10, 5-7)? Sim, mas diante do que o esperava, a sua vontade de homem-Deus emergiu com toda a sua força. Agarrou-se ao fato de que ao Pai tudo era possível, mas submeteu-se por fim à vontade de seu Pai.

Estas palavras me incutiram paz. Ou melhor, me deram uma maior possibilidade de compreender uma parte do Evangelho que ainda não tínhamos ressaltado o bastante.

Outro aspecto do Evangelho

Na verdade, Jesus Abandonado nunca faltou na nossa vida espiritual, mas creio que, para nos atrair a si, Deus a princípio fixou a nossa alma (e é o que faz com todos os que começam a viver o Ideal) no amor, nas suas promessas que vemos atuarem-se, na certeza de obter o que se pede, porque continuamente temos a comprovação disso, na fé que transporta montanhas.

Agora, porém, percebia que existe no Evangelho algo diferente. E, uma por uma, passaram-me pela mente outras palavras semelhantes àquelas: "Minha alma está agora conturbada" (Jo 12, 2); "e começou a apavorar-se e angustiar-se. E disse-lhes: 'a minha alma está triste até a morte'" (Mc 14, 33); "bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados" (Mt 5, 5); "bem-aventurados, vós, que chorais, porque haveis de sorrir" (Lc 6, 21); "e quando estava perto, viu a cidade, chorou sobre ela..." (Lc 19, 41). Com a morte de Lázaro "Jesus chorou" (Jo 11, 35).

Lembrei também que Jesus tinha chamado Pedro de Satanás, que o tinha repreendido por ele ter falado do seu futuro fim e que de Jesus estava escrito: "De fato, ele será entregue aos gentios, será escarnecido, ultrajado, coberto de escarros; depois de o açoitarem, eles o matarão" (Lc 18, 32-33).

Existia, então, um aspecto crucial do Evangelho que também nós como cristãos devíamos viver?

Não eram só as casas ou os lugares ou as cidades como Loppiano, onde a alegria resplandece em cada rosto, que podiam testemunhar o Evangelho? Poderiam existir pessoas que estivessem experimentando a aflição, a angústia, o pranto e testemunhassem assim a Boa Nova?

Chegaria o dia em que talvez iríamos pedir insistentemente e por muito tempo sem jamais obter a resposta?

Sim, era assim.

O lado crucial do Evangelho.

Jesus que grita o abandono, que não se transforma em alegria como nas provações que aceitamos, mas que se conclui com a morte.

Maria sente o seu coração transpassado por uma espada, mas o Filho, Deus, não a retira, pelo contrário, deixa que ela suba até o ápice da dor ao contemplar a morte daquele que ela amava mais do que a si mesma.

O lado crucial do Evangelho.

Na verdade, Jesus sempre nos havia dito: "Se alguém quiser vir após mim... tome a sua cruz" (Mc 9, 34), que era o emblema da abominação máxima.

Jesus nos disse sempre, mas nós ainda não o tínhamos entendido o bastante.

O momento era esse. O momento de compreender a verdade mais óbvia que Cristo trouxe à terra. Que o seu reino não é deste mundo; que o modo de irmos usufruir com ele do reino eterno é suportar bem os sofrimentos nesta terra; que aqui nada tem valor a não ser o que se faz em função da outra vida; que até mesmo algo esplêndido, como uma obra de Deus, não é Deus e, portanto, devemos desapegar-nos dela e entregá-la a Ele, se for esta a sua vontade.

Rumo à plenitude da alegria

Portanto, coragem! Não queiramos diluir o Evangelho. Que o lado crucial (crucial para a nossa natureza humana) do Evangelho não nos detenha, mas nos lance, confiantes que Deus não nos deixará faltar a graça nem sequer nos momentos mais trágicos.

O certo é que esta espécie de "revelação" sobre a dor, prevista pelo Evangelho dessa maneira, trará ao nosso coração maior seriedade, menos entusiasmo, inclusive pelas coisas belas e ideais desta terra, mas não impedirá que se realize a promessa de Jesus: "Que tenham em si a minha plena alegria" (Jo 17, 13). Talvez ainda não tenhamos experimentado esta plenitude. O Evangelho é um abismo.

Que Deus ainda nos conceda tempo para poder sondá-lo já nesta vida, se for a sua vontade!

Nós lhe prometemos novamente que queremos a sua e não a nossa vontade. E gritemos, mesmo entre lágrimas, no desânimo, no medo, que ainda e sempre, e em qualquer circunstância, acreditamos no Amor, naquele Amor que abraça como um único arco a vida terrena e aquela eterna.

E Maria, nossa mãe, nos ampare na nossa fraqueza.